

MST and its philosophers, complexity, order and disorder

O MST e seus filósofos, a complexidade, a ordem e a desordem

**Marta Moeckel Amaral Lustosa^{1,2}, Gleyse Maria Couto Peiter^{1,3}
José Carlos de Oliveira^{1,4}**

¹Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia,
Universidade Federal do Rio de Janeiro

²Serviço de Nutrição e Dietética, Instituto de Psiquiatria
Universidade Federal do Rio de Janeiro

³Laboratório Herbert de Souza Tecnologia e Cidadania, Coppe
Universidade Federal do Rio de Janeiro

⁴Escola Politécnica, Universidade Federal do Rio de Janeiro

marta.moeckel@gmail.com, gleysep@gmail.com, jcarlos@dee.ufrj.br

Recebido: 27/04/2021

Aceito: 29/04/2021

Publicado: 04/05/2021

DOI: 10.51919/revista_sh.v1i0.269

Abstract. *This article presents the theoretical foundation of the building and evolution of the Movement of Landless Rural Workers (MST), based on the contributions of several thinkers who influenced this philosophical foundation, as well as points out and analyzes the issues inherent to the organicity of their practice as a whole political action. There are two parts: first, some thinkers and philosophers and their relations with the Movement's militancy are revisited. Then, the Movement's performance is analyzed, considering the idea - mistaken- that a social group that militates and acts politically, does so under disorder, moves without rules and without any organizational standards. It is intended to show that it is possible to identify the connections with complex thinking: order and disorder cooperating for organization and complexity. From the contributions of many thinkers to the Movement's internal arrangements, it is possible to draw a parallel with the complexity paradigm.*

Keywords. *MST. Organization. Complexity*

Resumo. *Esse artigo apresenta a fundamentação teórica da construção e evolução do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) a partir das contribuições de vários pensadores que influenciaram nesse alicerce filosófico, assim como aponta e analisa as questões inerentes a organicidade do conjunto de sua prática política. Está dividido em duas partes: na primeira são revisitados alguns pensadores e filósofos e suas relações com a militância do Movimento. Em seguida, é analisada a atuação do Movimento, considerando a ideia equivocada de que um grupo social que milita e atua*

politicamente, o faz sob a desordem, se movimenta sem regras e sem quaisquer padrões organizacionais. Pretende-se mostrar que é possível identificar as conexões com o pensamento complexo: a ordem e a desordem cooperando para a organização e complexidade.

Palavras-chave. MST. Organização. Complexidade

1. Introdução

O resgate histórico das lutas camponesas no Brasil nos dá a noção do quanto as lideranças aprenderam com os que antecederam e foram coerentes com o passado que herdaram de outros lutadores. Nesse sentido, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é a continuidade de um processo histórico das lutas populares.

Um ponto singular no MST é que o Movimento tem não só a possibilidade e a experiência de construir o conhecimento, como também de colocá-lo em prática. Nessa perspectiva, constrói o seu espaço político e o seu conhecimento tendo como base vários pensadores, filósofos, historiadores, dirigentes políticos, romancistas, poetas entre outros.

O pensador Edgar Morin (MORIN, 2014) em uma de suas obras traz uma releitura de muitos dos pensadores clássicos, que no seu entendimento contribuíram decisivamente para a formação ou complementaridade do seu pensamento, sob o viés da complexidade. Com base num significativo número de pensadores de diferentes áreas do conhecimento são elaborados os pressupostos de uma nova racionalidade para um pensar livre, multidimensional, multiocular e, portanto, complexo. Entrelaçando tanto quanto possível a filosofia, ciência, literatura, poesia buscou integrar simultaneamente as múltiplas dimensões da realidade humana.

Essa construção tem certa similitude com a formação do MST e, portanto, nesse contexto, o objetivo deste ensaio situa-se em uma reflexão sobre as contribuições de alguns dos vários influenciadores do Movimento, a interdisciplinaridade implícita e o pensamento complexo, onde reina a ordem e a desordem cooperando para a organização e complexidade. Seguindo essa linha, serão revisitados pensadores como: Karl Marx e Friedrich Engels, Lenin, Rosa Luxemburgo, Josué de Castro, Caio Prado Júnior e Florestan Fernandes.

2. O MST e seus filósofos

Há dois fatores que influenciaram a trajetória ideológica do Movimento: um decorrente do fato de estar sempre muito ligado à realidade, ao dia a dia, o que obriga a desenvolver certo pragmatismo, no sentido de utilização prática das teorias frente às necessidades, levando em consideração as condições em que vivem os acampados e assentados. “Não há como defender uma ideia pela ideia em si, mas sim, aquelas que são eficazes”. O segundo fator de influência veio da Teologia da Libertação (TdL) (STÉDILE; FERNANDES, 2012, p. 61).

A TdL foi pensada e construída em um contexto de pobreza e violência, principalmente praticadas pelos regimes militares impostos em vários países da América Latina na década de 1960. Um movimento religioso libertador que trazia em sua essência, a opção

preferencial pelos pobres e a defesa de seus direitos (LARA JUNIOR, 2012). A contribuição que a TdL trouxe ao MST foi a da abertura para várias ideias, sendo ela uma simbiose de várias correntes doutrinárias, misturando o cristianismo com o marxismo e o latino-americanismo. O MST incorporou a disposição de estar aberto a todas as verdades e não somente a uma, porque esta única pode não ser a verdadeira. [...] “Todos aqueles que se abasteciam da Teologia da Libertação - os católicos, os membros da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e os luteranos - ensinavam a prática de estar abertos a todas as doutrinas em favor do povo” (STÉDILE; FERNANDES, 2012, p. 61). Foi essa concepção de ver o mundo que fez o MST buscar nos pensadores clássicos de várias matrizes algo que pudesse contribuir com a luta já travada. Dentre os pensadores que o MST recolheu seus pólenes estão: Karl Marx e Friedrich Engels, Lenin e Rosa Luxemburgo. E entre as referências brasileiras cita-se: Josué de Castro, Celso Furtado, Florestan Fernandes, e tantos outros. De uma forma ou de outra, todos contribuíram na formação ideológica e pedagógica do Movimento (STÉDILE; FERNANDES, 2012).

Existe uma similitude na busca de igualdade, nas atuais lutas por terra, como também, na luta que Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) travaram, demonstrada por uma expressiva utilização de ideias marxistas ao ideário político do MST. Karl Marx defendia a revolução do operariado contra a burguesia, a tomada do poder e a construção de uma sociedade socialista, o que só seria possível em um país onde o capitalismo já estivesse em um estágio avançado e onde o operariado tivesse uma mentalidade revolucionária. Vladimir Ilyich Ulianov (1870-1924), mais conhecido pelo pseudônimo de Lenin, afirmava que a revolução poderia ser possível em países atrasados e agrícolas com a união dos trabalhadores da cidade e do campo, destacando a importância do centralismo democrático para o sucesso da revolução (LAZZARETTI, 2007). Nessa lógica, chama a atenção para a importância da organização e da unidade ideológica e revolucionária do movimento de massas.

Além de inspirar-se no centralismo democrático de Lenin, onde todos podem apresentar seus pontos de vista e disputá-los, o MST retira deste pensador as ideias de organização, cooperação e de elevação da cultura das massas, bem presentes nos cadernos de formação do Movimento. A cooperação seria o modo de atrair os camponeses para uma vantagem material e ao mesmo tempo superar a consciência de propriedade privada. Os aspectos cooperativos facilitam a venda e a compra de produtos e proporcionam créditos em condições mais vantajosas. Esta concepção econômica de cooperação está na base da teoria da cooperação do MST que é inseparável de uma teoria da organização política e, nesse sentido, a elevação da cultura proporciona um suporte de conhecimento aos camponeses para a elevação de suas consciências políticas (ANDRADE NETO, 2015).

Rosa Luxemburgo (1871- 1919), a grande teórica do socialismo científico, considerada a mais genial discípula de Karl Marx é também referência para o MST. Do pensamento político de Luxemburgo, o MST se inspira em três aspectos: defesa da ação direta e da experiência das massas; defesa da democracia radical; e luta pelo socialismo como alternativa à barbárie capitalista (LOUREIRO, 2008). Para Rosa, o proletariado necessita de um alto grau de educação política, de consciência de classe e de organização e essa educação deve ser adquirida na escola política viva, na luta pela luta, no curso da revolução em marcha, na própria experiência das massas trabalhadoras. Nesse sentido, o ato de ocupação do MST e as marchas populares fazem parte dessa experiência transformadora. Para Luxemburgo, uma sociedade radicalmente democrática só pode

resultar da participação ativa das massas populares, que, ao agirem solidariamente, criam por si mesmas novas formas de sociabilidade, distintas do individualismo possessivo da cultura burguesa. O MST criou uma cultura política que se rege por alguns princípios que devem ser aceitos por todos os membros: direção coletiva, divisão de tarefas, disciplina livremente aceita, estudo visando à formação de quadros e à alfabetização de crianças e adultos. O Movimento se propõe a ser totalmente democrático: há eleições em todas as instâncias, desde os núcleos dos acampamentos até a direção nacional e, todas as decisões são tomadas em assembleia. A luta do MST se resume a três pontos referentes à democracia: combate ao latifúndio visando democratizar a terra; à ignorância, visando democratizar a educação, não no sentido apenas de alfabetizar as pessoas, mas no sentido de democratizar o conhecimento; e ao capital para democratizar a riqueza produzida no país (LOUREIRO, 2008).

Dos pensadores brasileiros que contribuíram e influenciaram na trajetória do MST, Josué de Castro (1908-1973) é a primeira referência, pois é considerado o precursor da Reforma Agrária. Sua contribuição, a partir da publicação de *Geografia da Fome* em 1946, foi demonstrar que a fome não tinha origens climáticas ou étnicas. A fome era produto do subdesenvolvimento ao que o Brasil fora submetido, era resultado de uma economia e agricultura baseada no latifúndio, na monocultura e na exportação. Sua pesquisa rigorosa, combinada com a argumentação contundente tornou seu trabalho uma referência internacional no combate à fome até os dias de hoje. O MST se considera devedor de Josué de Castro para elaborar seu programa agrário, a Reforma Agrária Popular. Os ensinamentos de Josué permitiram compreender que não basta a distribuição de terras para que a Reforma Agrária seja efetiva, ela deve estar destinada à produção de alimentos. E não quaisquer alimentos, mas alimentos saudáveis e para o povo brasileiro (STÉDILE, 2018).

A formação política do MST tem muito de Caio Prado Júnior (1907-1990). Suas obras inauguraram, no país, uma tradição historiográfica identificada com o marxismo, buscando uma explicação diferenciada da sociedade colonial brasileira. Sua interpretação do Brasil traz elementos desde a estrutura econômica do sistema colonial, com base na grande exploração voltada para o mercado externo, a construção do projeto político/ideológico burguês com base na hegemonia da dominação de classe burguesa. Tratou em suas obras da essência de um Brasil colônia que perpassa historicamente por processos longos de mudanças e rupturas, e que apesar da independência política que deveria pôr fim ao projeto de colonização, manteve as raízes estruturais de um passado, cuja herança é escravocrata e assentada no latifúndio, sem a construção de um projeto de nação voltado para os reais interesses e necessidades do povo brasileiro. Caio Prado Júnior é um pensador que faz parte do referencial teórico e da práxis política do MST, uma vez que sua produção intelectual e ação prática militante se fundem e criam identidade com a militância Sem Terra (SANTOS, 2018).

E como não mencionar Florestan Fernandes (1920-1995) sociólogo e político brasileiro, fonte inspiradora e digno de homenagem em diversos projetos e lutas do MST? De acordo com Pizetta (2009), alguns aspectos da relação existente entre Florestan Fernandes e a militância do MST podem ser destacados: a) Sua luta pelo socialismo, tornando-se um militante ativo e incansável das causas dos deserdados. Caracterizou-se pela exigência do rigor científico e pela profundidade das suas pesquisas. E é esse rigor de análise e interpretação da realidade marcante na obra de Florestan que caracteriza também o

trabalho do MST. Assim como para o sociólogo, o militante do MST é obrigado a investigar com rigor para que, por meio da ação coletiva, possa transformar a realidade. b) Florestan procurou entender como ocorre a luta pelo poder, a luta pelo controle da mudança social e para onde essas lutas encaminham nossa sociedade. E para o MST é necessário entender a história, os processos sociais, as contradições como parte do movimento dialético do desenvolvimento da luta das classes e para onde apontam essas contradições. c) Para Florestan, a ruptura da ordem capitalista existente vai ocorrer e a revolução estará obrigada a realizar um acerto de contas com o nosso passado escravocrata e colonial, de exclusão e de *apartheid* social, uma revolução democrática, nacional e socialista. Fazem parte da revolução democrática: a reforma agrária, a reforma urbana e a reforma educacional. Para o MST a revolução só acontecerá se as massas oprimidas e exploradas tomarem consciência da impossibilidade de continuar a aceitar a sua própria exploração e dominação, passando a exigir transformações. d) Florestan também identificou a importância dos processos de formação de consciência. Para ele, a educação fará avançar a criatividade da classe trabalhadora, motivando o povo a lutar por mudanças. Essa importância e esperança depositada na educação tornou-se bandeira de luta do MST. e) Por fim, um último aspecto sobre a relação existente entre Florestan e a militância do MST é a prática de valores éticos e morais. O MST reconhece que a humildade é a qualidade mais importante dos revolucionários (PIZETTA, 2009).

Sem a pretensão de esgotar as referências, as contribuições desses pensadores no processo de formação do MST são base para compreender a interdisciplinaridade e a complexidade nesse processo. [...] “A complexidade não deve ser considerada uma receita ou uma resposta, mas sim, uma motivação para pensar: desse modo, é impossível conhecer o todo sem conhecer as partes, tampouco não se conhece as partes se não conhecer o todo” (MORIN, 2000, p. 37).

3. A complexidade, a ordem e a desordem

O significado do vocábulo complexo é definido como: de difícil compreensão; que não é simples; complicado; desprovido de percepção, entendimento ou clareza; confuso (COMPLEXO, 2017). Neste sentido, uma questão complexa tem sido apontada como algo que deve ser simplificado, cujas propriedades devem ser eliminadas para que seja apresentado como uma questão ordenada, simples e compreensível. Assim, a ordem teria prevalência na realidade, ou seja, o pensamento e a ação cotidianos deveriam rechaçar a desordem e afastar as incertezas (MORIN, 2011). Este é o paradigma da simplificação adotado pela ciência dos séculos XIV ao XIX que trouxe avanços importantes ao conhecimento científico, o qual deveria espelhar a realidade, portanto, deveria ter uma concepção determinista e mecânica do mundo, considerado organizado e ordenado. O conhecimento era adquirido pela separação do que estava ligado, isto é, para a resolução de um problema, era preciso decompô-lo em partes menores e reduzi-lo - ideias da separação e da disjunção - sem levar em conta as interferências entre as questões estudadas.

Porém, este processo de simplificação e de formalização da realidade promove a desintegração, leva à condução de cegueiras no fazer científico, traz a isolamento e chega até a destruição do que é coletivo, só considerando realidades únicas: “o pensamento simplificador é incapaz de conceber a conjunção do uno e do múltiplo (*unital multiplex*).

Ou ele unifica abstratamente ao anular a diversidade, ou ao contrário, justapõe a diversidade sem conceber a unidade” (MORIN, 2011).

No século XX, a própria evolução da ciência - grandes descobertas sobre a evolução, a conexão entre todos os fenômenos da natureza, as novas questões trazidas pela biologia, pela física - promove a quebra da hegemonia da separabilidade, ou seja, a ciência que revelava a ordem do mundo, determinista e perfeita, chegou à complexidade do real. O maior exemplo desta realidade que nos cerca é o cosmos – que é um sistema complexo que se desintegra e se auto-organiza, promove a ordem e ao mesmo tempo, a desordem. Para dar conta dessa realidade, que deve tratar das incertezas e seja capaz de reunir e de contextualizar ao mesmo tempo, está a ideia de um novo paradigma - da complexidade - em que não se substitui a ordem pela desordem, a separabilidade pela inseparabilidade, mas se reconhece o mundo a partir de uma dialógica entre ordem/ desordem/ organização (MORIN, 2011).

O pensamento complexo, cerne deste paradigma, comporta uma estratégia que não é redutora nem fragmentadora, que se opõe à divisão disciplinar, que é totalizante e reflexiva e promove a trans e a interdisciplinaridade. Para Morin (2011), este pensamento comporta três princípios: o da recursão - que é a capacidade de retroação para modificar um sistema, na circularidade indivíduo/sociedade/espécie; o princípio hologramático, onde é possível tomar a parte pelo todo e o todo pelas partes, isto é, parte e todo são dimensões da mesma realidade e, ainda, o princípio dialógico. Este último permite manter a dualidade no seio da unidade e como exemplo, o filósofo destaca a ordem e a desordem, sendo que, ao mesmo tempo em que um anula o outro, podem estar juntos e produzir a organização e a complexidade. Complementa essa ideia afirmando que só em épocas recentes é que os pesquisadores se deram conta de que a ordem e a desordem, mesmo sendo antônimas, cooperam para a organização do universo. Ainda afirma que: “a complexidade da relação ordem/desordem/organização surge, pois, quando se constata empiricamente que fenômenos desordenados são necessários em certas condições, em certos casos, para a produção de fenômenos organizados, os quais contribuem para o crescimento da ordem” (MORIN, 2011, p.63).

Um outro conceito importante, ligado ao paradigma da complexidade e fundamental para a vida, diz respeito à necessidade de uma compreensão profunda de uma ética complexa, que ajude as pessoas a entender e viver em tempos de uma crise planetária. Esta ética está ligada ao princípio da recursividade, relativo à tríade indivíduo/ sociedade/espécie. Por esta concepção, o imperativo da ética deve vir de diferentes fontes, associadas a cada um desses elementos de ligação. Uma delas tem a ver com o ser humano, com seus valores intrínsecos, como um dever como pessoa, como ser honesto, fazer o bem etc., ligados, portanto, ao indivíduo. Outro ponto de partida são os ideais de um coletivo, que vêm de uma fonte externa, como os ideais de uma comunidade, as crenças, culturas, ligados à sociedade. Além disso, existem as fontes anteriores, como a herança genética, ou seja, aquelas ligadas à espécie. Embora sejam parte intrínseca dos indivíduos, comportamentos egocêntricos - valorizando os prazeres individuais - ou, de outro lado, comportamentos altruístas - que imprimem ao indivíduo olhares diferentes sobre a ética - quando são aliados ao sentimento de comunidade ou sociedade, trazem sentimentos de responsabilidade e de solidariedade, fontes da ética (MORIN, 2011).

A organização do MST, quando inclui valores fundamentais para o movimento, traz implícita uma ética complexa que considera as questões da tríade acima referida. Ao se reconhecer como um Movimento de continuidade das lutas populares ancestrais, o MST dá um passo definitivo no sentido de atender e lutar pelos dilemas e impasses de sua espécie, no sentido de uma mesma família em uma determinada condição. Em que pese as contradições inerentes ao processo de incorporação dos conflitos pretéritos, o enfrentamento das incertezas na construção da atuação do Movimento é mais uma característica da busca de equilibrar e articular a ética coletiva aos valores do bem comum da sociedade como um todo. Os ideais do Movimento, claros para toda a coletividade, foram construídos por um conjunto de pessoas irmanadas pela mesma situação, econômica, social e ambiental, contribuindo para a nova ética complexa. Neste mesmo contexto, a decisão de um indivíduo em participar do MST pode acontecer apenas quando há pleno entendimento dos valores considerados, e, portanto, é imperativo que tais princípios estejam totalmente de acordo com os padrões individuais, caso contrário, surge uma impossibilidade real de se conviver e lutar pelos ideais do Movimento. Assim como o paradigma simplificador que põe ordem no universo, expulsa dele a desordem, o paradigma da complexidade coloca as duas juntas e ao colaborarem, elas produzem a organização e a complexidade (MORIN, 2011).

A apropriação do conhecimento científico, das experiências históricas, das estratégias de lutas, dos métodos de trabalho e direção, de organização e formação política são condições essenciais para que os integrantes do MST se transformem em sujeitos políticos com capacidade de pensar, elaborar, fazer e avançar a Organização. No entanto, a realidade está em permanente movimento e coloca novas questões a serem interpretadas e enfrentadas e, para o MST, um dos grandes desafios é o como fazer? Por isso, o método deve ser um instrumento – não uma receita – que os auxilie a dirigir melhor; a fazer planejamentos coerentes com a realidade e com os objetivos; a delegar responsabilidades e tarefas que possam compor novos militantes; a coordenar reuniões produtivas e participativas.

4. Conclusões

Ao se analisar um grupo social que milita e atua politicamente, existe a ideia de desordem, de baderna, de algo que se movimenta sem regras e sem quaisquer padrões organizacionais. A atuação do MST numa marcha, por exemplo, remete a algo anárquico, confuso, como se a mobilidade das pessoas e seu deslocamento fosse aleatório e tudo acontecesse por acaso ou sorte. No entanto, ao se deparar com a realidade do que ocorre nos arranjos internos do Movimento é possível se traçar um paralelo com o paradigma da complexidade, quando existe uma ordem – definida coletivamente pelo MST – que aliada a desordem inerente a movimentação de milhares de pessoas, por exemplo, ou mesmo relativa a liberdade dos membros do Movimento, tem como resultado um fenômeno organizado, de acordo com todos os princípios da complexidade. Nesta nova ordem resultante estão implícitos: a dialógica, que permite a convivência de contradições em um movimento espiral de troca; a recursividade, que permite a retroalimentação a partir da tríade indivíduo/sociedade/espécie e o hologramático, onde parte e todo fazem parte da mesma realidade.

Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências bibliográficas

ANDRADE NETO, J. A. A teoria e a prática do MST para a cooperação e a organização em assentamentos rurais. **Revista Nera**, Presidente Prudente/SP, Ano 18, nº. 27, p. 159-182, Jan-Jun./2015, p. 158.

COMPLEXO. Dicionário online de Português, maio de 2017. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/complexo/>> Acesso em 12 mar.2020.

LARA JUNIOR, N. Análise das principais influências ideológicas na constituição do MST. **Revista Nera**, Presidente Prudente - SP, Ano 15, nº. 20, p. 156-174, Jan-jun./2012.p.163.

LAZZARETTI, M. Â. Lenin, o campesinato e o MST. **Revista Tempo da Ciência**, Toledo-PR, (14) 28: 131-142. 2º semestre 2007, p.133.

LOUREIRO, I. Rosa Luxemburgo e os movimentos sociais contemporâneos: o caso do MST. **Crítica Marxista**, São Paulo, Ed. Revan, v.1, n.26, 2008, p.105-116, p. 109.

MORIN, E. **Meus filósofos**. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. 2ª Edição. Porto Alegre: Sulina, 2014.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000, p.37.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. 4ª. Edição. Porto Alegre: Sulina, 2011, p.59.

PIZETTA, A. J. Florestan Fernandes e a Militância do MST. In: Escola Nacional Florestan Fernandes. Cadernos de Formação. **O legado de Florestan Fernandes**. Guararema/SP: ENFF, 2009.p. 10.

SANTOS, S. **Caio Prado Júnior e a formação política no MST**. MST [S.I], 2018. Disponível em: < <https://mst.org.br/2020/02/23/caio-prado-junior-e-a-formacao-politica-no-mst/> > Acesso em: 10 mar.2020.

STEDILE, J. P.; FERNANDES, B. M. Brava Gente A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. 2ª. Edição. São Paulo: **Expressão Popular**, 2012.

STEDILE, M. **Josué de Castro, Precursor da Reforma Agrária**. MST [S.I], 2018. Disponível em: < <https://mst.org.br/2018/09/05/josue-de-castro-precursor-da-reforma-agraria-popular/> >. Acesso em 10 mar.2020.